

# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento  
(Organizador)



# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

Eduardo do Nascimento  
(Organizador)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes editoriais**

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Eduardo do Nascimento

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R314 Rede contestado de educação, ciência e tecnologia 2 /  
Organizador Eduardo do Nascimento. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-375-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.757210508>

1. Educação. 2. Ciência e Tecnologia. I. Nascimento,  
Eduardo do (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE RIO DAS ANTAS E A GUERRA DO CONTESTADO (1911-1916)	
Márcia Janete Espig	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105081">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105081</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS NA REGIÃO DO CONTESTADO	
Mônica Grandó	
Jane Suzete Valter	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105082">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105082</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
A PEDAGOGIA PRÁTICA DE JOÃO MARIA DE AGOSTINI	
Cleber Duarte Coelho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105083">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105083</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA DA EPT NÃO LICENCIADA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE	
Emanuelle Alves de Medeiros	
Eduardo do Nascimento	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105084">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105084</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
COMPARAÇÃO ENTRE DOIS MÉTODOS DE MAPEAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UNIÃO DA VITÓRIA/PR	
Cléria Maria de Melo	
Bruna Aparecida Alves da Silva	
Mariane Félix da Rocha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105085">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105085</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
CONSERVAÇÃO, INSERÇÃO E EXPANSÃO DE ABELHAS NATIVAS SEM FERRÃO NA APP E NO ENTORNO DO IFSC CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL-RAU	
Anderson José Antonietti	
Mário Cesar Sedrez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105086">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105086</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
CORES E FRAGMENTOS NO MOSAICO ARTÍSTICO DO CONTESTADO	
Rita Inês Petrykowski Peixe	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105087">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105087</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
CULTURA E TECNOLOGIA NA REGIÃO DO CONSTESTADO: PERFIL DOS PARTICIPANTES DO PROJETO GRUPO DE DANÇA GAÚCHA DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE CÂMPUS VIDEIRA	
Leila Lisiane Rossi	
Bruno Pergher	
Angela Maria Crotti da Rosa	
Lizete Camara Hubler	
Maurício Natanael Ferreira	
Luiz Gustavo Moro Senko	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105088">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105088</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
DISPUTAS PELA MEMÓRIA DO TERRITÓRIO CONTESTADO: UM MAPEAMENTO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA CABOCLA	
João Felipe Alves de Moraes	
Diego Gudas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105089">https://doi.org/10.22533/at.ed.7572105089</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>103</b>
ELEMENTOS PARA A PRÁTICA EXTENSIONISTA COMO INSTRUMENTO DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES NO CONTEXTO INTERIORANO BRASILEIRO	
William Douglas Gomes Peres	
Letíssia Crestani	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050810">https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050810</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>115</b>
ESTUDO DO USO DE DETERGENTE NO CONCRETO NA REGIÃO OESTE CATARINENSE	
Simone Aparecida da Silva Souza	
Débora Fátima Alberici	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050811">https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050811</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>126</b>
ESTUFA PARA CULTIVO DE PLANTAS UTILIZANDO ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL LED: MONITORANDO GRANDEZAS ELÉTRICAS E AMBIENTAIS ATRAVÉS DE UM APLICATIVO PARA INTERNET DAS COISAS	
Cláudio Eduardo Justin de Freitas	
Lucas José da Rosa	
Yuri Matheus Scheuer	
Anna Baasch Raizer	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050812">https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050812</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
IMIGRAÇÃO HAITIANA NA MICRORREGIÃO DE CONCÓRDIA: ASSOCIAÇÃO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA	
Jordan Brasil dos Santos	

Jonathan Viana da Silva  
Leon Mclouis Borges de Lucas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050813>

**CAPÍTULO 14..... 151**

INQUÉRITOS FORJADOS NO FIO DA DEGOLA: MAURICIO DE LACERDA E O DEBATE NACIONAL ACERCA DO CONTESTADO

Viviani Poyer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050814>

**CAPÍTULO 15..... 164**

JOGOS PEDAGÓGICOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariquiel dos Santos

Claudio Adão da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050815>

**CAPÍTULO 16..... 174**

MEMÓRIA REDIMIDA: O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO MONGE JOSÉ MARIA COMO PERSONAGEM DE RPG

Christian Yuri Machowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050816>

**CAPÍTULO 17..... 184**

O NOVO VALE DOS IMIGRANTES: O CONFLITO ENTRE ECONOMIA E CULTURA

Alexandre Lima de Oliveira

Francine Soares de Almeida

Karen Wessler Jung

Daniel Granada da Silva Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050817>

**CAPÍTULO 18..... 192**

O PATRIMÔNIO CULTURAL E INDUSTRIAL PRESENTE NO MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DA REGIÃO DO CONTESTADO

Lara Lima Felisberto

Merilena Alves de Lima Bueno

Juliana Aparecida Biasi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050818>

**CAPÍTULO 19..... 205**

OS HABITANTES DA GUERRA DO CONTESTADO (1912 – 1916): UMA ANÁLISE SOBRE O USO DO TERMO “CABOCLO” NA LITERATURA SOBRE O CONFLITO

Nathan Marcos Buba

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050819>

**CAPÍTULO 20.....218**

PERFIL SÓCIOECONÔMICO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NAS UNIDADES DE TRIAGEM DO MUNICÍPIO DE JOAÇABA

Mariana da Silva Barreto  
Eduarda de Magalhães Dias Frinhani  
Renata Fornari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050820>

**CAPÍTULO 21.....231**

PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES: A EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA CÂMPUS CAÇADOR

Bianca Gonçalves Sousa de Moraes  
David Ferreira Severo  
Diogo Moreno Pereira Carvalho  
Marta Ferreira da Silva Severo  
Mayara Tsuchida Zanfra  
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050821>

**CAPÍTULO 22.....243**

PROTAGONISMO DISCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA OPORTUNIDADE PARA A DESCOBERTA DA AUTONOMIA

Ana Claudia Viero  
Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento  
Eduardo do Nascimento Karasinski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050822>

**CAPÍTULO 23.....253**

SALTOS DA HISTÓRIA: PERMANÊNCIAS DO CONTESTADO EM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Natan Schmitz Kremer  
Alexandre Fernandez Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050823>

**CAPÍTULO 24.....265**

SIMBOLOGIA CEMITERIAL NO CONTESTADO: LINGUAGEM, ARTE E RELIGIOSIDADE PROPOSITIVAS TEÓRICAS

Alcimara Aparecida Föetsch

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050824>

**CAPÍTULO 25.....277**

SUCESO DA ATER EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NA REGIÃO DO CONTESTADO EM SANTA CATARINA: CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA A PARTIR DE UMA REDE DE ATORES

José Antônio Louzada  
Guilherme Radomsky

Marcelo Antônio Conterato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050825>

**CAPÍTULO 26.....289**

TERRITORIALIDADE CABOCLA E DESENVOLVIMENTO NA PERSPECTIVA DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Gabriela Haswany de Almeida

Katya Regina Isaguirre-Torres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050826>

**CAPÍTULO 27.....300**

TERRITÓRIO E TENSÕES DE TERRITORIALIDADES: UM DEBATE SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO TERRITORIAL DO CONTESTADO

Marcia Chmura

Diane Daniela Gemelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050827>

**CAPÍTULO 28.....314**

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: O RETRATO DE UMA REALIDADE A SER ENFRENTADA

Andrea Alves Cavalet

Hillevi Maribel Haymussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.75721050828>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....326**

# CAPÍTULO 5

## COMPARAÇÃO ENTRE DOIS MÉTODOS DE MAPEAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UNIÃO DA VITÓRIA/PR

*Data de aceite: 23/07/2021*

**Cléria Maria de Melo**

Universidade Estadual do Paraná UNESPAR  
União da Vitória

**Bruna Aparecida Alves da Silva**

Universidade Estadual do Paraná UNESPAR  
União da Vitória

**Mariane Félix da Rocha**

Universidade Estadual do Paraná UNESPAR  
União da Vitória

**RESUMO:** A violência contra a mulher apresenta números alarmantes no Brasil. Decorre da relação desigual de poder entre homens e mulheres e pode ser analisada através de diversos prismas. Esse estudo teve o intuito de mapear os casos de violência contra a mulher em União da Vitória (PR), a partir de duas fontes de dados diferentes e utilizando diferentes recursos cartográficos a fim de espacializar as ocorrências desse tipo de violência no município e de apontar qual mapeamento melhor representou o fenômeno. O primeiro mapeamento utilizou os dados do Fórum da Comarca de União da Vitória (PR) e materiais de papelaria para indicar os casos de violência através de forma pontual e com o uso da variável visual cor. O segundo foi feito a partir das respostas a um questionário online e apresentou os resultados em um mapa digital, com os casos de violência por bairro mostrados com a variável visual valor. Como resultado, ambos os mapas mostraram uma concentração

dos casos nos bairros centrais e da área leste da cidade, bem como a ausência de casos reportados na área rural do município. Quanto à forma de mapeamento, constatou-se que a que melhor representaria o fenômeno seria a feição de pontos com dados oficiais, tal como o primeiro mapeamento, mas deve-se pensar em formas de abarcar os casos que não constam nas estatísticas oficiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia temática; violência contra a mulher; aquisição de dados cartográficos; variáveis visuais.

### 1 | INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, de acordo com o Artigo 1 do decreto nº 1.973/1996 – referente à Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994 – é definida como “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”. Tal convenção ainda frisa a necessidade de eliminar esse tipo de violência enquanto condição para o pleno desenvolvimento e participação igualitária das mulheres (BRASIL, 1996). No Brasil, de acordo com dados do Monitor da Violência (um estudo em parceria do G1 com o núcleo de estudos da violência da USP e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública), uma mulher é morta a cada duas horas vítima da violência (G1, 2019).

A pandemia do Covid-19 e a necessidade de isolamento social contribuiu para o agravamento dessa situação. Segundo reportagem do site *Isto é* (2021), a violência doméstica dobrou nesse período. Os casos de violência contra a mulher aumentaram especialmente no que se refere ao feminicídio, segundo dados apresentados em outubro de 2020 no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Além da violência contra a mulher no Brasil ser bastante significativa, o estado do Paraná também apresenta índices alarmantes. Nishida e Castro (2016) apontaram a ocorrência de 22.362 casos de violência contra a mulher de 2009 a 2014 no estado, sendo o ano de 2013 com maior número de casos registrados. A maioria dos registros ocorreram contra a mulher negra ou parda (62,6%), e 41,52% das vítimas possuíam apenas o Ensino Fundamental ou menos de oito anos de estudo. Das notificações dos casos de violência, a maioria foram de violência física, sendo 46,04% de espancamento, seguido de ameaças (21,22%) e estupro, com 7,62%. As mesmas autoras, alicerçadas nos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), citam que por todo o mundo pelo menos 35% das mulheres já sofreram alguma violência, perpetrada pelo companheiro ou desconhecido.

De acordo com a Agência Brasil (2020, online), devido à subnotificação, ou seja, a falta de notificação ou registro dos casos, “os números oficiais não refletem a realidade dos casos no país. Ou seja, existem episódios de violência que não entram nas estatísticas oficiais”. Neste caso, a Agência Brasil (2020) fala ainda sobre a importância de criar novas ferramentas para que as denúncias sejam feitas. Conforme o portal Congresso em Foco (2020), a maior dificuldade das mulheres é em fazer a denúncia devido ao receio do processo e pela falta de leis mais rigorosas que possam efetivamente protegê-las. Nesse sentido, Kind e colaboradores (2013) pontuam que poderiam ser utilizados os próprios serviços de saúde como canais de denúncias, a fim de evitar a subnotificação.

Lima, Buchele e Clímaco (2008) apontam a violência contra as mulheres como uma das formas de violência que por mais tempo permaneceu aceita socialmente. Sublinham, assim, a necessidade de se compreender as diferentes formas de violência a partir de seu contexto histórico. Esses autores citam Cornell (1995) e a ideia de um modelo hegemônico de masculinidade, que trata da posição de dominação dos homens e o papel de subordinação das mulheres, para mostrar os comportamentos e atitudes masculinas que trazem limitações às mulheres e às crianças, e também aos próprios homens.

Araújo (2008) reitera essa afirmação, adicionando que isso decorre da ordem patriarcal, que concede ao homem o direito de dominar e controlar a mulher, utilizando, inclusive, da violência. Todavia, segundo a autora, a violência contra a mulher não é um fenômeno único nem ocorre da mesma forma em todos os contextos, haja vista que nem todos os homens utilizam a prerrogativa da dominação masculina da mesma forma, e nem todas as mulheres se submetem da mesma maneira. Assim, tem-se diversos arranjos possíveis dentro dessas relações.

No estudo dessa temática, a análise geográfica pode contribuir de modo a

especializar o fenômeno da violência contra a mulher, possibilitando outras interpretações sobre esse assunto. Existem várias possibilidades de se estudar a violência contra a mulher a partir de uma perspectiva espacial, e este artigo busca cartografar essas violências e comparar 2 métodos de mapeamento dos casos de violência contra a mulher relatados em União da Vitória, município localizado no sul do Paraná. O objetivo desses mapeamentos foi o de comparar duas formas de se mapear os casos de violência contra a mulher no município, do ponto de vista da apresentação cartográfica e da aquisição dos dados, a fim de indicar a representação mais eficaz e dar visibilidade ao problema, apontando locais com concentração de casos no município.

Ao se analisar outros mapeamentos da violência contra a mulher, um método utilizado consiste em utilizar como fonte de dados os registros oficiais, com os casos denunciados em delegacias e fóruns. Para representar esses dados, indica-se o número de casos de violência contra a mulher ocorridos por bairro. Isso foi verificado nos trabalhos de Ribeiro, Silva e Silva (2015) e de Silva et al. (2019).

A pesquisa de Silva et al. (2018), embora também tenha utilizado os dados da Delegacia para as mulheres de Novo Hamburgo/RS, inovou na forma de mapeá-los: primeiramente, foram tabulados os endereços das ocorrências e, então, utilizando a ferramenta de localização de pontos do *software Google Earth* e depois tratando essas informações no *software ArcGIS*, foi criado um mapa de calor por densidade de pontos em uma área. Assim, o produto cartográfico final indica zonas de maior hostilidade para as mulheres, que podem ficar ocultas em mapas que coloreem todo o bairro ou unidade administrativa com a mesma cor.

Incluindo análises e indicadores estatísticos está a pesquisa de Lucena et al. (2012), que estudou a violência contra a mulher em João Pessoa/PB a partir dos mapas de incidência (que representam o número de casos por grupo de mil habitantes em cada bairro), de intensidade de risco relativo para a violência contra a mulher por bairro (em comparação à média da cidade) e índice de aglomeração espacial dos casos de violência contra a mulher. A fonte de dados desse mapeamento também consistiu nos registros das ocorrências de violência contra a mulher da Delegacia Especializada de Atendimento da Mulher do município estudado.

A forma de apresentação do mapeamento, em todos os estudos supracitados (exceto Silva et al. (2018), que não apresentou o mapa), foi a cartografia temática digital. A cartografia temática tem como fundamento o processo de comunicação visual, apresentando uma solução analítica ou explicativa (FITZ, 2008; SILVEIRA, 2020). O mapa temático, de acordo com Fitz (2008), é aquele que, utilizando outros mapas como base, possui um tema principal a ser representado por meio de uma simbologia específica. Martinelli (2003, p. 25) complementa, afirmando que a cartografia temática tem a função de “registrar e tratar dados, bem como comunicar informações por eles reveladas.” Esses dados, ainda segundo o autor, podem ser provenientes do contato direto do pesquisador com o tema, através de

trabalhos de campo, por exemplo, ou a partir de outras fontes secundárias de dados.

Os fenômenos podem ser representados por formas lineares, pontuais ou zonais. As primeiras representam as feições espaciais que requerem um traçado em forma de linha contínua ou não, tais como rios e estradas. A forma pontual é utilizada para representar as informações que podem ser traduzidas por pontos ou figuras geométricas, como casas e indústrias. A forma zonal indica os fenômenos que ocupam uma determinada extensão, utilizando os polígonos. Tem-se como exemplos desse último a vegetação, climas e geologia (FITZ, 2008).

Ainda de acordo com Fitz (2008), a forma zonal é utilizada quando se necessita representar áreas previamente demarcadas, com base em um levantamento de dados, ao passo que a forma pontual pode ser útil para apresentar quantidades de determinados elementos de forma mais agradável visualmente. Bertin (1967 apud SILVEIRA, 2020) aponta que os temas nessas representações gráficas são imprimidos a partir das variáveis visuais, que correspondem às seis propriedades perceptivas que o olho humano consegue distinguir graficamente: cor, valor ou intensidade da cor (diferentes tonalidades da mesma cor), forma (símbolos), tamanho, orientação (linhas na diagonal ou na vertical, por exemplo), e textura ou granulação (diferenças de espessura em uma hachura, por exemplo).

Cada uma dessas variáveis visuais é mais adequada para representar diferentes temas, pois indicam relações de diversidade (elementos diferentes entre si; aspecto qualitativo da informação), de ordem (determinada organização ou hierarquia entre os elementos representados) ou de proporcionalidade (referente aos aspectos quantitativos) com maior ou menor facilidade (MARTINELLI, 2003). Por exemplo, o autor aponta a variável visual cor para indicar aspectos qualitativos, em que cada cor, por ser diferente, indicaria elementos distintos entre si, e o tamanho como um bom indicativo de proporcionalidade, para mapear aspectos quantitativos.

Dessa forma, explica-se por que a maioria dos mapeamentos de violência contra a mulher descritos anteriormente utilizam a variável visual valor, que diz respeito à utilização de uma mesma cor em diferentes tonalidades. Essa variável visual expressa melhor dados de ordem sobre uma temática, indicando maiores ou menores intensidades de ocorrência, em que valores mais baixos são representados por tons mais claros e os valores mais altos aparecem em tons mais escuros, facilitando a interpretação dos dados (MARTINELLI, 2003; FITZ, 2008). Dada essa diversidade de formas de se mapear um determinado tema é que se encontra a justificativa do artigo em questão: testar duas formas de se mapear a violência contra a mulher a fim de apontar a técnica que mais facilmente expressa as informações.

## 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As informações do primeiro mapeamento foram cedidas pelo Fórum da Comarca

de União da Vitória (PR) em um relatório com dados de 5 anos, de 2014 a 2019, dos casos sentenciados de violência contra a mulher no município. O recorte temporal adotado deveu-se ao tempo restrito de pesquisa. Tentou-se utilizar os dados da Delegacia da Mulher de União da Vitória, mas eles não foram disponibilizados a tempo da conclusão do mapeamento. A partir dos dados do Fórum, então, elaborou-se uma planilha para organizar os processos, acrescentando uma coluna para inserir o endereço da ocorrência e outra com o tipo de violência perpetrada contra a mulher, classificada de acordo com a leitura dos processos em: agressão; agressão e ameaça; ameaça e injúria; ameaça, injúria e lesão corporal; estupro e lesão corporal; homicídio doloso; lesão corporal; lesão corporal e ameaça; violência doméstica. Os nomes indicados nos processos não foram incluídos na planilha para manter o sigilo, por questão de ética.

Para a elaboração do primeiro mapa, foram utilizadas imagens impressas do *Google Maps* onde foram feitas as delimitações dos bairros à caneta. A montagem dessas imagens foi feita sobre chapas de EPS (isopor), revestido com TNT, com auxílio de fita auto colante dupla face. A localização dos casos de violência no mapa foi feita com alfinetes com cabeça colorida, no qual a cor representava o tipo de violência sofrida. A opção pelo mapa feito com artigos de papelaria se deveu ao pouco domínio das técnicas de cartografia digital pelas autoras do mapa à época desse primeiro mapeamento, realizado em 2019 (MELO, SILVA e ROCHA, 2019). Esse primeiro mapa, todavia, só continha os casos de violência contra a mulher que foram efetivamente denunciados e processados. Assim, na tentativa de abarcar os casos que não chegam ao conhecimento das autoridades, foi elaborado um segundo mapa da violência contra a mulher em União da Vitória (PR).

A fonte de dados desse segundo mapeamento foi um questionário disponibilizado online. A opção por esse formato se deu para alcançar o maior número possível de mulheres do município, bem como deixá-las mais confortáveis para responder, em casa e de forma anônima (diferentemente do que ocorreria se fosse, por exemplo, um entrevistador com um questionário). Além disso, a aplicação desses questionários ocorreu durante os meses de março e abril de 2020, em meio à pandemia de Covid-19, que demandou medidas de isolamento social para sua contenção, o que corroborou a opção pelo formato online.

Para fins de mapeamento, foram feitas duas perguntas: a primeira, do tipo fechada e que só permitia assinalar uma opção, acerca da violência sofrida; a segunda, aberta, pedia para especificar onde ocorreu a violência (quadro 1). A ideia inicial do mapa era utilizar as feições de pontos para indicar o local preciso da ocorrência, de modo a complementar aquele primeiro mapa. Todavia, a fim de deixar as mulheres mais confortáveis para responder, sem ter o receio de localizar com precisão onde aconteceu o fato (sobretudo se tiver ocorrido em local de trabalho ou no ambiente doméstico), permitiu-se apontar uma localização aproximada ou apenas o bairro. Dessa forma, o resultado final do mapeamento foi representado por bairro, utilizando as feições de polígono, o que também ocasionou a mudança de objetivo da pesquisa. Com os dados desse questionário, o mapeamento dos

casos de violência contra a mulher relatados se deu no *software ArcGIS 10.8*, classificando cada bairro de acordo com o número total de ocorrências, a partir da tabela de atributos. As indicações dos tipos de violência contra as mulheres foram retiradas do código penal brasileiro.

<p>Tipo de violência sofrida:</p> <ul style="list-style-type: none"><li><input type="checkbox"/> Ameaça ou tentativa de assassinato por namorado/marido/companheiro (atual ou ex);</li><li><input type="checkbox"/> Agressão física por namorado/marido/companheiro (atual ou ex): espancamento; atirar objetos contra você; sacudir; apertar o braço; estrangulamento ou sufocamento; ferimentos causados por facas, armas de fogo, queimaduras ou outras formas; tortura;</li><li><input type="checkbox"/> Agressão verbal, psicológica ou moral por namorado/marido/companheiro (atual ou ex): constrangimento; humilhação; manipulação; perseguição; proibir de estudar, trabalhar, viajar ou manter contato com parentes e amigos; ciúme doentio (vigilância constante); chantagem; xingamentos; ridicularização; limitação do direito de ir e vir; expor sua vida íntima (como a divulgação de fotos e vídeos íntimos, ou conversas de aplicativos);</li><li><input type="checkbox"/> Agressão patrimonial/financeira por namorado/marido/companheiro (atual ou ex): controlar seu dinheiro; destruir seus documentos ou outros objetos; deixar você sem sustento;</li><li><input type="checkbox"/> Estupro: obrigá-la a fazer sexo (qualquer prática sexual) contra sua vontade pelo uso de violência, ameaça ou outros meios, mesmo que seja seu namorado/marido/companheiro, e mesmo que você estivesse bêbada e/ou inconsciente;</li><li><input type="checkbox"/> Importunação sexual (atos libidinosos sem consentimento): passar a mão em partes íntimas contra sua vontade; beijos forçados; “enchochamento” ou outras formas de contato físico forçados;</li><li><input type="checkbox"/> Assédio sexual: quando um superior hierárquico, como seu patrão ou professor, utiliza-se do cargo, função ou influência para tentar te forçar a ter relações sexuais com ele;</li><li><input type="checkbox"/> Assédio verbal (sem contato físico): “cantadas”, assobios, buzinas na rua ou coisas do tipo;</li><li><input type="checkbox"/> Outro tipo de violência.</li></ul> <p>Qual o endereço aproximado onde ocorreu essa violência? (Favor indicar o local mais preciso possível, para que possamos incluir no mapa. Caso não queira apontar o endereço exato, indique um local próximo, ou o bairro/localidade onde ocorreu) – APENAS NO MUNICÍPIO DE UNIÃO DA VITÓRIA/PR</p> <p>Resposta aberta longa.</p>
---

Quadro 1. Questionário aplicado online para aquisição dos dados para mapeamento.

Fonte: das próprias autoras.

### 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro mapa (figura 1) mostrou que a incidência de violência sofrida pelas mulheres se dá principalmente em bairros mais periféricos da região sul da cidade, mas os casos mais violentos, inclusive com atos de feminicídio, ocorreram em bairros da região leste. A área central da cidade também demonstrou certa concentração de casos de violência contra a mulher. Dentro dos bairros é possível notar áreas com concentração de pontos, sobretudo no Centro e nos bairros da região sul (figura 1). Os casos com maiores ocorrências foram agressão, lesão corporal e ameaça (MELO, SILVA e ROCHA, 2019). A implantação da Delegacia da Mulher no Município de União da Vitória, em 2015, aparentemente favoreceu as denúncias por parte das mulheres, pois o pico de processos julgados entre 2015 e 2016 foi bastante representativo.

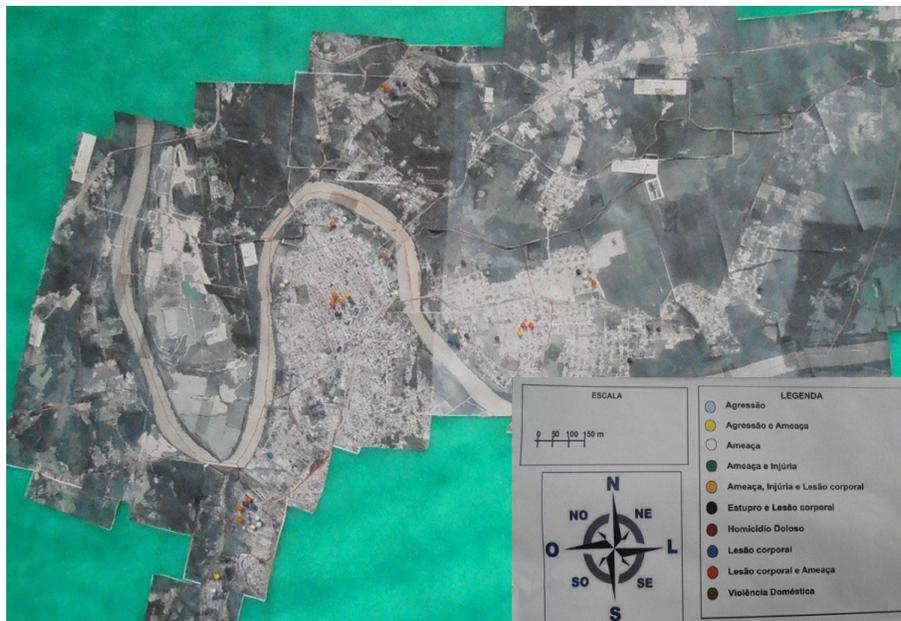


Figura 1. Mapeamento dos casos de violência contra a mulher em União da Vitória com dados do fórum.

Fonte: das próprias autoras.

O segundo mapeamento, que utilizou como fonte de dados o questionário online, teve como resultado cartográfico o que mostra a figura 2. No total, 72 mulheres responderam ao questionário disponibilizado online. Desse total, 26 respostas não foram mapeadas por que relatam violências ocorridas fora de União da Vitória (em cidades vizinhas, como Porto União/SC e Paula Freitas/PR); por localizarem as ocorrências no distrito de São Cristóvão, que engloba vários bairros; por serem impossíveis de mapear (aquelas respostas imprecisas, como “União da Vitória”, “por todo lugar”, “casa”, “apps” etc.) ou por suscitarem dúvidas quanto à localização, como no caso de uma ocorrência no Parque Ambiental e na Ponte de Ferro, que se localizam em mais de um ou entre 2 bairros.

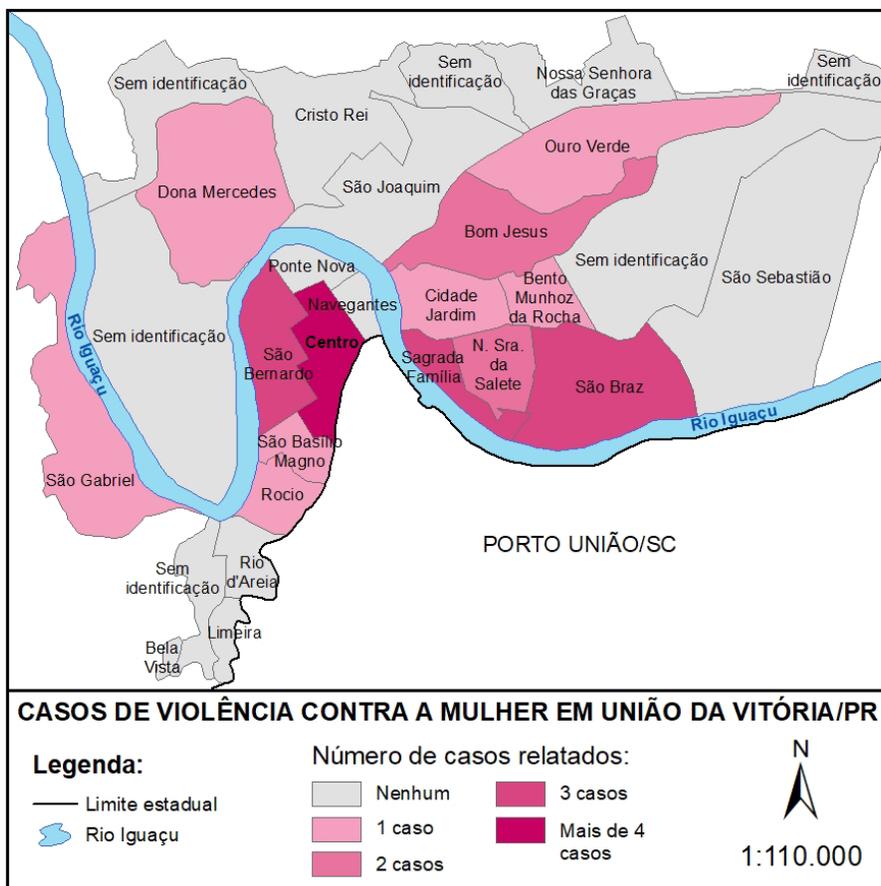


Figura 2. Mapeamento dos casos de violência contra a mulher em União da Vitória com dados do questionário online.

Fonte: das próprias autoras.

Nesse caso, percebeu-se que a melhor opção seria ter deixado essa pergunta do questionário, sobre a localização da ocorrência, fechada e com a possibilidade de marcar apenas uma opção (um bairro, no caso). A escolha por mantê-la aberta foi uma tentativa de conseguir elaborar o mapa com feições de pontos (caso fossem relatadas as localizações precisas), semelhante ao que foi feito no primeiro mapeamento, e também para registrar possíveis violências que tenham ocorrido fora da área urbana do município.

Quanto aos casos efetivamente mapeados, o bairro Centro foi o que concentrou a maior quantidade de ocorrências: foram 27 relatos, sendo 14 de assédio verbal. Chama a atenção o fato de o campus da UNESPAR ter sido citado 5 vezes, com 4 relatos de assédio verbal por parte de alunos e professores, e um caso de assédio sexual (quando pressupõe o uso da superioridade hierárquica para intimidar a vítima). Todavia, a opção por representar os dados com a feição de polígonos, isto é, por bairro, ocultou essa concentração de casos

nessa área.

Nos demais bairros foram relatadas poucas ocorrências de violência contra a mulher, tendo sido citados os bairros São Braz, São Bernardo e Sagrada Família em 3 casos; Nossa Senhora da Salete e Bom Jesus em 2 casos e Rocio, Cidade Jardim, Bento Munhoz da Rocha, Ouro Verde, São Gabriel, São Basílio Magno e Dona Mercedes em 1 ocorrência. Nos demais bairros não foram relatados casos de violência contra a mulher, assim como na área rural do município.

A espacialização dos casos demonstra uma certa tendência à concentração das ocorrências de violência contra a mulher na região da ferradura (arredores do Centro, no meandro do rio Iguaçu) e na parte leste da cidade. Entretanto, considerando a baixa adesão à pesquisa e os poucos casos efetivamente mapeados - apenas 46, em um município com 57.913 pessoas segundo estimativa do IBGE (2020) – o mapeamento serviu mais como teste de metodologia para aquisição e tratamento de dados do que para efetivamente espacializar os casos de violência contra a mulher em União da Vitória (PR).

Outra imprecisão notada nesse tipo de mapeamento é a dificuldade de se representar os tipos de violência sofrida. Da forma como foi feito o mapeamento, destaca-se apenas a quantidade de ocorrências relatadas. Uma solução poderia ser uma coleção de mapas, em que cada mapa representa um tipo de violência sofrida e suas respectivas quantidades, expressas na variável visual valor (a mesma utilizada na figura 2). Todavia, isso demanda maior esforço na elaboração dos mapas e na interpretação dos dados, uma vez que se apresenta mais de um mapa para leitura.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em ambos os mapas, os bairros próximos ao Centro e localizados na parte leste da cidade de União da Vitória/PR, seguindo a margem direita do rio Iguaçu, são os que apresentaram maior número de casos de violência contra a mulher, demandando, assim, maior atenção do poder público. No primeiro mapeamento, os bairros Rio d'Areia, Limeira e Bela Vista também apresentaram certa concentração de casos, o que não se repetiu no segundo mapeamento. Nos dois mapas também se percebe a invisibilidade dos casos de violência contra a mulher ocorridos na área rural do município, indicando, talvez, um menor acesso à justiça e/ou à informação.

Com a elaboração dos dois mapeamentos, concluiu-se que a melhor forma de mapear os casos de violência contra a mulher é através da feição de pontos. Essa forma demonstra com mais precisão a distribuição espacial dessas ocorrências e a quantidade de ocorrências. Essas são informações valiosas que podem ficar ocultas em um mapa de polígonos, com as informações mapeadas por bairros. Por exemplo, um loteamento ou área dentro do bairro que concentre os casos de violência contra a mulher ficarão ocultos em um mapa que pinta todo o bairro de uma cor apenas. Ademais, fica visível o número

exato de ocorrências.

A utilização dos pontos também permite a classificação por tipo de violência sofrida, enquanto o mapa quantitativo por bairro expôs apenas o número de ocorrências. A elaboração de uma coleção de mapas para representar os tipos de violência resolveria o problema, porém demanda mais trabalho de elaboração para o cartógrafo e de interpretação pelos leitores. Todavia, no mapeamento com a feição de pontos, é necessária atenção na escolha da forma de apresentação do mapeamento, a fim de não expor o local exato da violência, que poderia trazer constrangimento à vítima. Algumas soluções poderiam ser o uso de transparência sobre as imagens de satélite ou utilizar apenas os limites dos bairros sob os pontos no mapa final.

Quanto à forma de aquisição dos dados para o mapeamento, o ideal é recorrer a fontes mais precisas, como os dados advindos de denúncias dos casos de violência. Por isso torna-se fundamental o incentivo à denúncia e registro de boletim de ocorrência pelas mulheres, mesmo dos casos de violência aparentemente sem importância. Para identificação dos casos não denunciados, especialmente os de assédio verbal, talvez melhor do que a utilização do questionário online seriam as estratégias de cartografia social, trabalhando por um maior período de tempo com um ou vários grupos de mulheres. Dessa forma, evitam-se as dúvidas relativas às questões (como ocorreram, no caso dessa pesquisa, na questão sobre a localização da violência) e permite-se maior apropriação do mapa e do tema por parte das participantes. Além disso, com o auxílio de um profissional de saúde mental, pode-se utilizar desse espaço e desse momento para amparar as vítimas que precisem de orientação. Uma continuação dessa pesquisa seria a organização dos dados acerca dessa temática existentes em delegacias de polícia e também em jornais e portais de notícias, acrescentando esses casos ao mapeamento das ocorrências registradas no fórum da cidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as mulheres que corajosamente contribuíram com essa pesquisa, e também à professora Patrícia Baliski pela base cartográfica dos bairros de União da Vitória, utilizada no segundo mapeamento. Também agradecemos ao Fórum de União da Vitória que prontamente nos atendeu e nos forneceu materiais para a confecção do primeiro mapa.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Lei Maria da Penha**: subnotificações escondem número real da violência. 08/08/2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-08/lei-maria-da-penha-subnotificacoes-escondem-numero-real-da>>. Acesso em: 05/06/2021.

ARAUJO, M. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 05/05/2021.

BRASIL. **Decreto nº 1.973 de 1 de agosto de 1996**. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Brasília, DF, 1996.

CONGRESSO EM FOCO. **Feminicídio e subnotificação de violência contra mulher crescem na pandemia**. 19 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/direitos-humanos/feminicidio-e-subnotificacao-de-violencia-contra-mulher-crescem-na-pandemia/>>. Acesso em: 06/05/2021.

FITZ, P. R. **Cartografia básica**. São Paulo: Oficina de textos, 2008.

G1. **No Brasil, uma mulher é morta a cada duas horas vítima da violência**. 08/03/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/08/no-brasil-uma-mulher-e-morta-a-cada-duas-horas-vitima-da-violencia.ghtml>>. Acesso em: 08/05/2021.

IBGE. **Cidades** – União da Vitória. 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/uniao-da-vitoria/panorama>>. Acesso em: 25/03/2021.

ISTO É. **Casos de violência doméstica dobram durante a pandemia**. 07/04/2021. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/casos-de-violencia-domestica-dobram-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 03/05/2021.

KIND, L.; ORSINI, M. L. P.; NEPOMUCENO, V.; GONÇALVES, L.; SOUZA, G. A.; FERREIRA, M. F. F. Subnotificação e (in) visibilidade da violência contra mulheres na atenção primária à saúde. **Cad Saúde Pública**. v. 29, n. 9, p.1805-1815, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2013000900020&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2013000900020&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 05/05/2021.

LIMA, D. C.; BUCHELE, F.; CLÍMACO, D. A. Homens, Gênero e Violência Contra a Mulher. **Saúde Soc.**, v. 17, n. 2, p. 69-81, 2008.

LUCENA, K. D. T.; SILVA, A. T. M. C.; MORAES, R. M.; SILVA, C. C.; BEZERRA, I. M. P. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v. 28, n. 6, p. 1111-1121, jun./2012.

MARTINELLI, M. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. São Paulo: Contexto, 2003. E-book (link restrito). Acesso em: 20/04/2021.

MELO, C. M.; SILVA, B. A. A.; ROCHA, M. F. Uma análise e um despertar para a violência e os abusos contra a mulher em União da Vitória-PR. In: XIII Simpósio de Geografia, 2019, União da Vitória/PR. **Anais...** União da Vitória/PR: UNESPAR, 2019.

NISHIDA, F. S.; CASTRO, V. C. Violência contra a mulher no Paraná: aspectos epidemiológicos. **Enciclopédia Biosfera**, v. 13, n. 24, 1516-1524, 2016.

RIBEIRO, M. I. C.; SILVA, R. D.; SILVA, M. G. S. N. Criminalidade e Espaço: uma representação espacial dos crimes de violência contra a mulher no município de Porto Velho - Rondônia. **RPGeo**, v. 2, n. 1, 2015, p. 56-67.

SILVA, A. L. S.; PLANGG, R.; MARTINS, P. R.; TESTOLIN, M. J.; DULIUS, R. G.; STAUDT, J. L. A produção de mapas de calor como ferramenta para os estudos sobre violência contra as mulheres. In: VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2018, Rio Grande/RS. **Anais...** Rio Grande/RS: Ed. da FURG, 2018.

SILVA, G. C. B.; NÓBREGA, W. F. S.; MELO NETO, O. M.; SOARES, R. S. C.; OLINDA, R. A.; CAVALCANTI, A. L.; CAVALCANTI, S. A. L.B. Distribuição espacial e perfil epidemiológico das notificações da violência contra a mulher em uma cidade do nordeste brasileiro. **Arch Health Invest**, v. 8, n. 10, p. 580-585, 2019.

SILVEIRA, R. M. P. **Cartografia temática**. Curitiba: Contentus, 2020. E-book (link restrito). Acesso em: 20/04/2021.

# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

